

## Dalcídio Jurandir: a simplicidade de um simples e alguns aspectos de sua obra

Rosa Assis

Este artigo se resume, basicamente, em três tópicos: um primeiro, breve comentário sobre o homem Dalcídio Jurandir; um segundo, em linhas gerais trata de reflexões sobre a linguagem falada e a temática amazônica que povoam sua prosa de ficção, pois ambas parecem refletir uma extensão da vida de Dalcídio, em Ponta de Pedras, na Ilha de Marajó, no Estado do Pará, e ainda, um terceiro, que se resume em uma análise e interpretação de aspectos do romance **Chove nos campos de Cachoeira**, vez que este, nos serviu para abonar nossas afirmações não somente sobre a tônica da narrativa dos romances dalcidianos, mas também acerca da análise que fizemos de alguns personagens, que de uma forma ou de outra, retornam nos demais outros romances da Série Extremo-Norte, por vezes com outras roupagens.

Ainda menina conheci Dalcídio Jurandir na casa de meus pais, Celina e Machado Coelho, e pela forma como era recebido, não havia dúvidas de que se tratava de um de seus amigos fraternos. Nossas palavras são ratificadas pela escritora, a também paraense Lindanor Celina, em **Pranto por Dalcídio Jurandir**, ao lembrar a figura daquele escritor, de quem conhecia somente o inacessível refletido nas lendas e mitos de **Chove nos campos de Cachoeira** e de o **Marajó**. O Dalcídio homem, em sua mente, parecia ter relação com aquele inatingível. Mas recorda Lindanor em seu "pranto": *E me espantei ao ouvir Machado Coelho falar nele com uma intimidade de compadre, de irmão. Eu ouvia, olhos acesos e calada, o nome de Dalcídio naquela casa.* (p. 11)

Além disso, pude ouvir várias vezes comentários feitos por amigos de papai sobre Dalcídio, mas não poderia imaginar àquela altura que, por trás daquele homem simples, com ar triste, meio calado e, assim como nós, modestamente vestido, estava o premiado romancista, já conhecido e reconhecido pelo mundo literário de então. Para mim era apenas o Dalcídio, como o eram Paulo Mendes, Lindanor, Eidorfe Moreira, Plínio, Ruy Barata, Manuel Lobato, dentre outros frequentadores de nossa varanda.

Feitas essas apreciações, passemos a falar da existência de Dalcídio, um aprendizado constante, e de seu lar, a primeira escola. Margarida Ramos, sua mãe,

foi quem o ensinou a ler e, provavelmente, lhe despertou o interesse pela leitura, presente desde sempre na vida do escritor. Ao lado desses ensinamentos maternos, o pai desempenhou um lugar importante na formação intelectual de Dalcídio<sup>1</sup>.

Mais tarde, já não eram apenas as estantes paternas que procurava, mas novos títulos, então emprestados por diversos amigos. A vontade de adquirir conhecimento, provavelmente, levou Dalcídio a buscar um centro cultural mais adiantado, e o Rio de Janeiro foi o escolhido. Porém, ali enfrentou dificuldades financeiras, por ser um homem de família pobre. O caminho foi conseguir pequenos empregos, como o de lavador de pratos<sup>2</sup> e o de ajudante de copa<sup>3</sup>. Mesmo assim, e com pouco tempo para se dedicar à escrita, nos legou vasta obra que marca a literatura paraense, projetando-a no cenário intelectual do Brasil. Seu primeiro romance,

**Chove nos campos de Cachoeira**, conferiu ao escritor o primeiro lugar no concurso literário instituído pelo Jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi, concorrendo com inúmeros escritores já consagrados. Anos depois, na década de 70, o premiado pela Academia Brasileira de Letras foi o conjunto novelístico que forma o ciclo dos romances intitulados Série Extremo-Norte - **Chove nos campos de Cachoeira** (1941), **Marajó** (1947), **Três casas e um rio** (1958), **Belém do Grão-Pará** (1961), **Passagem dos Inocentes** (1963), **Primeira manhã** (1968), **Ponte do Galo** (1971), **Os habitantes** (1976), **Chão dos Lobos** (1976) e **Ribanceira** (1978). Na ocasião em que foi entregue o prêmio *Machado de Assis*, Dalcídio foi louvado por Jorge Amado com um discurso enaltecendo do conjunto de sua obra<sup>4</sup>:

Dalcídio, já radicado no Rio de Janeiro, sempre que pôde visitou Belém. Em 1961, numa dessas visitas, concedeu entrevista a A. Bastos Morbach, na então Livraria D. Quixote. - *Dalcídio fala dos outros e de si*. Da leitura dessa entrevista, a resposta que mais me chamou a atenção foi aquela em que o entrevistado deixou nas entrelinhas de sua resposta, o julgamento de seu ofício poético<sup>5</sup>.

Se a pergunta fosse a mim dirigida, eu responderia pelo romancista: Dalcídio, você não só escreveu os melhores romances literatura amazônica, como nos



ensinou que este ofício é, na verdade, um dom, uma forma mágica, que só um mago da palavra, como você, repito, poderia encantar a todos nós. Ao falar na palavra, não poderia deixar de comentar aqui a questão particular da linguagem usada e explorada por Dalcídio em seus romances. Por ter sido ele um profundo conhecedor de nossa língua e de nossos costumes, conseguiu nos familiarizar com os fatos narrados, porque, ao assumir a condição de caboclo, ou melhor, de narrador-caboclo, registra a peculiaridade e a expressividade, por exemplo, da linguagem de seus personagens, seus dizeres, suas *delícias*, seus modismos, que a ele mesmo o envolvem - tácito interlocutor, que escuta o que escreve - nas *conversas* do livro. É a linguagem simples na sua pureza de expressão, no lado pitoresco e na peculiaridade da vida.

Percebe-se que ao narrar fatos, descrever paisagens, recordar acontecimentos, Dalcídio o faz quase sempre oferecendo-nos um abundante material folclórico, lingüístico-lexical e dialectológico, acompanhado de um sem-número de ditos e modismos regionais, que o povo cria e recria, recolhe e armazena na memória coletiva, esperando apenas o *instante* para contá-los, ou melhor, falá-los. Essa fala se enriquece com as crendices, as juras, as superstições, colocadas na boca de seus personagens, e assim tão bem *falada* pelo escritor que parece estarmos presenciando, ouvindo, e até mesmo sentindo os *arrepeios* que sentem aqueles personagens. (ASSIS, Rosa. op. cit. p. 5)

Na verdade, Dalcídio foi um pesquisador de nossa linguagem, ou melhor de nossa fala cabocla, pois ele mesmo não só aprecia como saboreia o que diz, vejamos o trecho de carta, escrita por ele e datada de 10 de junho de 1972 - ... *modere o seu generoso empenho em promover o meu nome em nossa Belém, não mereço tanto. Como dizem os caboclos. É muita merecendência.* ( os grifos são nossos). Nesse sentido, vale a pena lembrar a dedicatória que fez a Bruno de Menezes, ao oferecer-lhe o romance **Três casas e um rio**: “Bruno este-um lá do chão, meu irmão” do Dalcídio, 1958 - (o grifo é nosso). Isso aí é um depoimento *falante*, de viva voz, da linguagem popular paraense, que aí genuinamente fala. É a nossa fala cabocla “inculta e bela” em seu jeito próprio, em sua genuidade e ingenuidade, a matéria mesma, tosca e telúrica, sem maiores estilizações, de que se faz e se alimenta o “discurso” de todos os seus romances, verdadeiros *leitmotivs* lingüísticos, “escritinhos”, como são ditos, sem retoques, a formar e a tecer o universo dalcidiano. Universo que para ser visto, escutado, entendido, descoberto e reconhecido, sentido, enfim, como universo paraense e popular não precisa de largas interpretações literárias ou profundas reflexões. Antes, requer a pura e simples atenção à língua viva e

direta - tirada da boca do povo - na qual esse universo se configura e onde se acha a fisionomia imediata, senão o fundo e o sentido, da obra desse escritor por excelência, em relação primordial à linguagem, em especial à linguagem falada, que nele se torna escrita falante, vocal, e talvez por isso tornando-o escritor verdadeiramente popular.

Assim como uma varanda de rede<sup>6</sup> ou o fio de um tecido, cruzado, entremeado, preso, palavra puxa palavra, também comento aqui a expressão “este-um” por considerá-la, dentre outras, como uma marca registrada de nossa fala cabocla: o uso associado do pronome demonstrativo com o artigo indefinido (masculino ou feminino) é, na linguagem do caboclo paraense, um modo muito particular de designar a pessoa, objeto ou coisa, próximos ou distantes do falante em relação ao ouvinte. Nesta forma conjunta, constitui uma verdadeira palavra composta e indissociável, para manter o seu significado.

Às vezes, segue-se a essa palavra ou expressão o termo *aí*, dito e gesticulado com os lábios, para reforçar ainda mais a presença da coisa ou da pessoa a que se referem os nossos caboclos. Chamamos a atenção para a pronúncia típica e peculiar, acompanhada de projeção dos lábios, formando um “bico” propositadamente “demonstrativo”. - /istium/, com redução do timbre /e/

inicial para /i/ e ditongação crescente do /e/ final, tornado /i/ semivogal, com o /u/, tornado tônico, do artigo indefinido. Forma-se, assim, uma só palavra oxítona, e com sua tonicidade acentuada na emissão e no gesto bilabial que a acompanha - pronúncia, por assim dizer, gesticular e indicadora, ligando gesto e palavra, numa verdadeira provação vocal, muito característica da maneira cabocla do falar mostrando. Apesar de estarmos apenas usando abonações do romance



**Chove**, achamos que caberia aqui recorrer a um outro romance, para melhor ilustrar o que falamos, pois em passagem mais abaixo, sente-se que Dalcídio, como num toque de mágica, leva para seu romance o trejeito do interiorano, e que o texto, ou melhor, a grafia do romance não retrata, mas procura indicar justamente ao anteceder a demonstrativa expressão, da indicação, como se vê em: *No seu caminho para o Barão passava pelo grupo no largo de Santa Luzia*, o Doutor Freitas, *espichava o beijo*: esse-um aí? (*Passagem dos Inocentes* - p. 117, o grifo é nosso)

Como se sente, Dalcídio acumulou ao longo de muitos anos experiências, anotações, estudos, pesquisas, observações, indagações, investigações que ficaram armazenadas na sua memória, para depois se espalharem pela sua fértil imaginação, até desabar como uma torrente em seus romances, sentidos e sofridos. O fato é que a sua terra, o seu chão, o seu povo - na verdade fontes de

inspiração para toda a sua obra -, sempre tiveram um lugar de destaque nas páginas de seus romances, povoando-as com suas singularidades. Tanto que Dalcídio, na década de 60, em entrevista concedida a Eneida de Moraes, redefinia os elementos constitutivos do seu romance, destacando, precisamente, o forte componente social da sua narrativa<sup>7</sup>.

Mesmo passados os anos, e já há bastante tempo radicado no Rio de Janeiro, não esquecia sua cidade, muito menos seus amigos - tudo era lembrança - tudo era recordação e isso ele não escondia de ninguém. Lendo uma, das cartas que escreveu a Cléo Bernardo, (Rio de Janeiro, 11/11/76) agradecendo um convite que este lhe fizera para vir a Belém, pude confirmar esta sua admiração, este seu apego ao que é nosso, quando Dalcídio, sensibilizado, escreve: *"Eu sei do bom que seria reencontrar amigos e a terra, mas é impossível. Os meus apegos à terra são os mesmos. Nela deixei os melhores amigos e a minha mocidade. Dela tirei uma obra à qual dei o melhor de mim. Quero ir até o fim ligado ao Pará que sirvo com magra importância mas com fidelidade"*. Já antes mesmo, em 23/09/71, também escrevendo ao amigo fraterno Cléo, e falando em seus romances, torna a lembrar a afeição que nutria por sua gente: *Quanto aos meus livros: tenho um na editora, Ponte do Galo, e três inéditos, Os habitantes, Chão dos Lobos e Ribanceira, que completam a série de dez volumes nos quais Alfredo é a figura central. É o que me resta dos meus projetos, e não sei se pago a dívida ao meu chão.*

No que diz respeito ao caráter auto-biográfico de seus romances, não se pode dizer que estes são rigorosamente autobiográficos, mas se sente a cada passo a experiência e a história de vida - vivida e sofrida - de um homem cuja riqueza, como já dissemos, repousava na leitura e na criação literária, que aparecem relatadas em suas páginas de densa beleza e de rara sensibilidade, recolha de todas as coisas mais simples da simplória vida interiorana. Vale apenas aqui ratificar que o interesse pela leitura, pelo folhear o livro, lê-lo mesmo, desde cedo estava presente em Dalcídio, mas nem sempre ele podia comprá-lo. Aquilo que chegara a admirar nas prateleiras das grandes livrarias do Rio de Janeiro, inacessível, àquela altura, à compra, deu-lhe mais força e mais determinação para escrever. Pouco tempo depois são seus romances que chegam às prateleiras do Brasil. A passagem que se segue ilustra no caso, bem esse desejo de ter e não poder, vivido, por um dos seus personagens: *Quis entrar na livraria e folhear o livro. Mas sabia que um caixeiro idiota ia logo perguntando qual o livro que escolhia, se queria comprar o que estava folheando, que tinha livro mais barato, ou se colava nele, rondando, vigiando, até que se resolvesse a comprar o livro ou dar o fora.* (p. 25)



Até aqui abordamos parte da trajetória do homem Dalcídio. Passemos agora a falar, em linhas gerais, de alguns aspectos de suas obras, mas com os olhos voltados para o seu primeiro romance, já que algumas passagens deste serviram para ilustrar nossos comentários, além do que o aludido romance contém temas que foram desenvolvidos nos demais títulos publicados pelo escritor. Aliás, como dissera o próprio Dalcídio, *"Toda a série de romances que estou escrevendo não é nada mais que o desenvolvimento dos temas apresentados ou esboçados em Chove nos campos de Cachoeira, aparecido em 1941.* (Eneida, entrevista já aludida).

**Chove nos campos de Cachoeira**, do começo até o final, é grito só, de lamento, de dor, de sofrimento, de denúncia, tanto que um forte amargor jorra das mãos e da alma do escritor, manchando suas páginas com o fel da vida. Inicia o romance com Alfredo, personagem central, já chegando "muito cansado" e termina também com o próprio Alfredo, já não mais apenas cansado, pior agora, desolado, "desamparado", sem "coragem", com "medo", acuado no fundo da rede, que compartilha com ele de seu mundo, pois é na rede que o "menino" se inquieta, delira, aspira, sonha e acorda ...

Em **ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir**, Pedro Maligo, ao se referir à produção literária dalcidiana, nos diz que *seus romances de inspiração amazônica formam um mosaico da vida cotidiana na vila de Cachoeira, na foz do rio Amazonas, e na cidade de Belém do Pará*<sup>8</sup>

Realmente, a Amazônia vem desde **Chove** e percorre todos os romances, cuja narrativa se passa ora nos bairros pobres e nos subúrbios de Belém do Pará, ora na Ilha de Marajó. A capital e o interior residem à cada página de seus romances, e não poderia ser diferente - Dalcídio não só vivia mas também se dividia entre esses

dois pólos - que mais tarde serviriam de cenário para a caminhada de sua prosa-poética, cenário cheio de contrastes, oscilando, por vezes, entre riqueza e pobreza, esta estampada na alma e no corpo de sua gente a qual ele passa a retratar em suas *obras-humanas*, (dada a verossimilhança com que foram escritas) por meio de uma linguagem simples e pura, viva e pitoresca. Assim, cada passo e cada sofrimento de seu *mundus vivendi* (representado por pessoas simples, humildes, como pescadores, doceiros, sapateiros, geleiros, barqueiros, empregados domésticos, costureiras, pequenos vendedores ambulantes, bêbados, viajantes, canoeiros, desempregados, funcionários públicos ... e muitos doutores que detém o poder, mas não a emoção ...) aparecem emoldurados em suas páginas, tornando seu texto visual por excelência, em que é possível ver o que se lê - como se um quadro fosse: Dalcídio assume a postura não de um simples narrador, mas de um

narrador-pintor. E nesta condição, ao comentar a dramaticidade vivida por essas pessoas, o faz com um realismo que nos envolve e nos coloca no meio deles, a ponto de passarmos a conviver com eles - senti-los mesmo, com extraordinária intensidade e dimensão mais profunda. Alimentando o seu imaginário, Dalcídio desvenda os segredos do mundo, e possibilita-nos conhecer uma outra forma de viver - a da pobreza, que ele tanto viveu e sentiu.

Esse mundo de que nos referimos, retido no inconsciente de Dalcídio, aparece na sua prosa, em forma de grito, daquele grito já lembrado, para denunciar a fome, a pobreza, a prostituição, a promiscuidade, sempre presentes no mundo dos menos favorecidos, dos pobres. É a personagem Felícia quem representa tudo isso e muito mais. Ela mesma não tinha forças, muitas vezes, nem para falar, apenas gemia, soluçava, mas sonhava, esperava, acreditava... Certa vez apanhara, pois não tinha nem o direito de recusar um homem ou mesmo de não querer ser trocada, como se mercadoria fosse: - *Mas se doutor ... se ela não me quis! Ela não me quis. Pedi, não tinha dinheiro mas tinha uma cambada de peixe, pedi, pedi, chorei, ela não me quis. Então me deu uma raiva. Dei dois pontapés na barriga. Ela deu um grito e eu me botei ...* ( p. 68).

Na retina de todos nós, está a barraca, o quartinho de Felícia. Quarto! este que mais parecia um depósito? aquele amontoado de coisas, sem coisa alguma. *Estava descalça, gripada, assoando o nariz, no fundo do quartinho, onde tinha na parede, uma estampa de Nova Iorque. Um pote d'água destampado, um caneco jogado no chão, um pedaço de esteira e um cachorro espiando pela porta.* (p. 27) Ela mesma, coitada, nem se conhecia, apesar de já acostumada no "ofício"; era ingênua, pura, resignada, e não é à toa que Eutanázio chegou a tratá-la como Santa Felícia. *Felícia apesar de não ser nova naquele ofício era sempre tola, lograda, ingênua.* (p. 28) Ignorava até mesmo os seus próprios males; ou já se familiarizara com eles: *Não sabia que estava contaminada. Das doenças velhas andava livre. Mas o homem da véspera era suspeito.* (p. 27)

Felícia, essa aflita prostituta, encarnava o sofrimento. Tudo nela e dela era triste. Felicidade para Felícia só mesmo na etimologia do nome, porque ela era só angústia<sup>8</sup>. Como se tudo isso não bastasse, ela ainda cheirava a poeira, ou melhor, fedia a um odor diferente, o da fome *Tomou o rumo de Felícia. Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome.* (p. 27)

Por seu turno, a doença e a miséria humanas ( em especial a lepra, a sífilis, o paludismo, a tuberculose e as doenças venéreas) recebem de Dalcídio um tratamento especial, chegando mesmo, por meio da palavra precisa

a desconstruir o estigma que marca a identidade da personagem: - *Então, meu filho, por que não disse logo? Se dissesse já estava bom. Mocidade é isso mesmo. Mas num átimo lhe boto bom-bom.* (p. 23). Ao mesmo tempo, que o uso dessa palavra pode seguir outro caminho, perdendo qualquer significado mais ameno, e passando a traduzir um sentido dramático, por vezes cruel, na saga das personagens. E como se verá, Eutanázio, homem feio, sem dentes, com comichões no corpo, é o personagem talhado para receber as agruras da vida, chegando mesmo, quem sabe, por fraqueza ou desilusão a se auto-punir. *Mas ele tinha vindo da casa de Irene como um homem perdido.* (p. 28) contraindo, quase que, deliberadamente, uma doença, que ele bem sabia, podia levá-lo à morte. É verdade que sofria desde menino, imaginando coisas absurdas, talvez, para alimentar a sua morbidez, e assim pensava: *Quem sabe sua mãe não botou ele no mundo como se bota um excremento?* (p. 24). Isso até explique porque era visto como inútil, amargo, genioso, explosivo, agressivo, infeliz, triste, pobre, sujo, porco, um só. *Afinal era um homem apodrecendo por falta dum cuidado, duma criatura mais corajosa que não tivesse medo dele.* (p. 24) Sua própria privacidade, de homem já maduro, tinha sido invadida, - esquecera uma roupa no banheiro - e logo todos saberiam que ele estava doente; com uma doença que lhe corroia aos poucos. Era um rebelde, um incorrigível, precisava de alguém para tratá-lo, mas *ninguém se interessava por ele. O pai era indiferente.* ( p. 36)

Como se tudo isso não bastasse, não conseguia nem sentir saudades, mas também de quem? Não tinha ninguém, nem a ele mesmo. *À noite, muitas vezes, quando os seus nervos se arrepiam e sente-se só, sem amigos, sem pensamentos, sem saudade, os risos de Irene se voltam tenebrosos.*(p. 29)

Amou Irene, amou intensamente, até mesmo de forma doentia, mas nunca a teve. Dela só tinha o riso cortante, o deboche, o descaso, o nojo: *E se Irene soubesse que ele agora está com "aquilo", então a antipatia dela aumentava, o nojo maior. Ela exclamaria o seu habitual Axi!* (p. 29) Mesmo assim e com tudo isso, Eutanázio ainda mais se mortificava, ao fazer cópias de cartas para Irene entregar a outro (o Resendinho), e, ao pensar em tê-la a qualquer preço *mesmo grávida, atirada na rua pelo Resendinho, passada pela mão de todos os rapazes de Cachoeira, Irene seria a mesma para ele.* (p. 187). Morrer foi difícil para Eutanázio, pois nem a morte vinha. Foi preciso D. Tomázia ir buscar a sua amada, para que ele pudesse sentir e apalpar a gravidez de Irene e depois fechar os olhos e partir. - *Olha, D. Tomázia, Eutanázio só morre, se a senhora trouxer Irene aqui para ver ele ...* (p. 240) A vida de Eutanázio acabava, e ele nunca a viveu, já nasceu morto,



nunca aceitara a vida e nem a morte. *E ele no fundo da rede ia morrer sem aceitar a morte, sem ter aceitado a vida.* (p. 242)

Para dar um tom colorido à narrativa, Dalcídio não esquece de incluir nos seus romances as tradições de sua gente, em especial as festas populares, as festas religiosas (as maiores - S. Sebastião, em Cachoeira do Arari, e o Círio, em Belém do Pará), as lendas, as pajelanças, as crendices, as superstições, as brincadeiras infantis, as cantigas de roda, os “serenos” e os hábitos interioranos, constituem um outro capítulo nas mãos e na pena do escritor, quando trabalha esse mundo imaginário que domina a sua obra, em especial nos de **Chove**: *Esse Fazia Mal era tal qual o chinelo de boca virada que Luciola não deixava no soalho porque “não prestava”. Luciola, então lhe dera um mundo falso, mentiroso, complicado, cheio de Deus, muitos anjos, visagens, lobisomens, matintas, jacurututu e proibições de toda a espécie.* (p. 171)

À cada página de seus romances mais profundamente convivemos com o universo sócio-cultural da Amazônia, relatado pelo escritor, sempre com cores definidas. A gente simples, humilde tem vida em suas páginas, todos se destacam naquilo que sabem fazer: *Luciola ficava às voltas com Didico, o tocador de pistão, amo do boi Caprichoso; Rodolfo, o tipógrafo e oficial de justiça; Ezequias, comerciante, assombrado com a sífilis e a guerra, campeão de dama na vila e o primeiro que lia jornal novo chegado de Belém. Eram os três irmãos falados em Cachoeira.* (p. 85-86)

E assim vai ele, Dalcídio, entremeando, costurando tudo o que está ao alcance de sua imaginação, reunindo personagens diversos, por suas diferentes classes sociais, (um dos pontos fortes de sua temática) realçando o papel dos poderosos, dos ricos, dos “endinheirados”, mostrando o outro lado da vida, onde os mais fortes sempre acabam vencendo. A título de ilustração, recordemos algumas passagens, apenas representativas, mas não exaustivas dessas situações. Assim, temos: a) o professor que atemoriza o aluno: *Eutanázio olhava interrogativamente, muito espantado. A palmatória atenta à beira da mesa. O mestre tinha os bigodes pontudos, ...* (p. 36); b) o menino rico que hostiliza o menino pobre: *E o carocinho de Alfredo faz o seu padrinho Barbosa ficar novamente rico ... Tales de Mileto havia de ter inveja. Num instante acabava aquela soberbia dele em cima do velocípede, andando pela rua ao lado do pai, causando inveja para todos os meninos de Cachoeira.* (p. 202) Ou simplesmente é o menino pobre do interior que, por vezes, vem à capital e, deslumbrado, se inquieta, se desespera, se emociona e assim não sabe mesmo que fazer. Está ali e nada pode

fazer no meio de ricos e de diferentes: a riqueza interior de Alfredo contrasta com a “pobreza” dos ricos. *E depois o modo de Tales de Mileto. Tem uma parte de olhar para os outros fazendo pouco, mostrando que tem dinheiro, que já vai para Belém. Alfredo receia que Tales, indo para Belém, possa já saber mais do que ele, ficar mais inteligente, lhe deixar muito atrás.* (p.194); c) o forte esmagando o fraco: *Dr. Casemiro Lustosa é o novo proprietário dos campos de Cachoeira. Com ele os pobres não podem mais tirar lenha, a cerca já foi levantada e de arame farpado.* (p. 234)

E ainda mais a questão racial - literária, mas eficazmente abordada por Dalcídio, o que acabou por levar Vicente Sales a afirmar que “desde o **Chove nos campos de Cachoeira**, Dalcídio se posiciona como o escritor que deu mais vida e autenticidade ao negro no Pará.” Tanto isso é verdadeiro que o próprio Dalcídio Jurandir, ao publicar a segunda edição de **Chove**, teve a lúcida preocupação de abolir o pseudo-eufemismo representado pela palavra “acolhedora”, na Edição Vecchi, 1941, substituindo-o pela palavra “escura”, na Edição Cátedra, 1976. Não escondia, assim, a condição de negritude da mulher, como se observa nas citações abaixo.

*Ficar assim como si pela primeira vez, de repente, compreendesse que tinha mãe, a primeira e real sensação de que era filho, de que brotara, de súbito, daquela carne acolhedora.* (p. 19)

*Ficar assim como si pela primeira vez, de repente, compreendesse que tinha mãe, a primeira e real sensação de que era filho, de que brotara, de súbito, daquela carne escura.* (p. 23)

O personagem central, Alfredo, não gostava de ser moreno, mas curiosamente se ofendia quando o chamavam de branco. Assim, o drama da cor é nele uma constante, pois como explicar aos outros meninos que sua mãe, mulher de cor preta vive com o pai, um branco. Essa idéia o inquieta, o entristece, o amofina, e enche-lhe de remorsos, de culpas por esses pensamentos (considerados por ele) mesquinhos. *Envergonhava-se por ter que achar esquisito. Mas podia a vila toda caçar deles dois se saíssem juntos. Causava-lhe vergonha, vexames, não sabia que mistura de sentimentos e faz-de-conta. Por que sua mãe não nascera mais clara? E logo sentia remorso por ter feito a si mesmo tal pergunta.* (p. 23).

Estas interpretações que fizemos acerca de alguns dos personagens (cerca de duzentos nomeados explicitamente pelo autor) não significa dizer, que os demais também não merecessem comentários. Como o nosso objetivo não era analisar os personagens que povoam o romance, apenas destacamos aqueles que mais profundamente nos emocionaram, não só pela força e



determinação, mas também pela impotência, pela conformação e resignação que assumem nas mais diversas situações que o contexto exige.

Já num outro nível, mais especificamente, o do mundo das representações, o do mundo dos ambientes da narrativa, elegemos para nossas apreciações aqueles que mais fortemente informam o discurso dalcidiano. Desse mundo, escolhemos alguns, como o rio, os campos, o caroço de tucumã, a casa de seu Cristóvão e os catálogos. Começamos pelo rio, que corre, que fala, que se entristece, que transborda, que já não é mais farto, que já não alimenta. Será que o rio ficou "saru"? Não importa como está o rio, o fato é que todos nós navegamos, embarcamos com ele, e com "Dal" (carinhosamente como era conhecido Dalcídio) sofrendo e sonhando no meio das suas narrativas, ouvindo os seus "causos". *O rio, pai do pobre, não tinha mais a fartura. A tarrafa se espalhava n'água e vinha lama e mais nada.* (p. 206-7)

A presença da água na obra de Dalcídio não é apenas marcante, mas é marca, é o passado se fazendo presente, é a pobreza. É o lavar a alma, ao mostrar o homem submerso no mundo das águas. O curioso é que, quando lemos seus depoimentos, registrados nas cartas, (de que já falamos) mais sentimos isso: Assim, ele mesmo, em carta escrita do Rio de Janeiro à Belém Menezes e datada de 6/6/74, referindo-se às enchentes na Ilha de Marajó, reforça o que de liquêfeito, de plasmático, percorre o corpo de suas obras. *As enchentes, a água invasora, o alagado.*

A água e a terra caminham juntas em seus romances. De um lado está o rio, cheio, vindo desde a infância do escritor, do outro o campo, que ele, Alfredo, percorre todos os dias, todas as horas; os belos campos que, nem a propósito, vem a ser o título do primeiro capítulo do primeiro romance de Dalcídio - *A noite vem dos campos queimados.*

O caroço de tucumã está aqui não só por sua evidência na narrativa, com seus poderes sobrenaturais e fantásticos, como também por acompanhar o menino Alfredo em várias caminhadas pelas linhas da obra dalcidiana. Essa bolinha, que boli, rola, corre, se esconde, faz-de-conta tudo e não conta nada a ninguém, só a seu dono - Alfredo / Dalcídio representa para o personagem-menino a força, o poder, o impossível, pois, segundo a crença popular, tem poderes mágicos no atendimento de desejos, como se nota nessa passagem: *O carocinho tem a magia, sabe dar o Universo a Alfredo. Tem um poder maior que os três Deuses reunidos* (p. 222). O fato é que o caroço pula logo na primeira linha do **Chove** e percorre os campos e o mundo com o menino: *Os campos o levaram para longe. O caroço de tucumã o levava também, aquele caroço que soubera escolher entre muitos no tanque embaixo do chalé* (p. 19). E na



última página do romance, ou melhor, nos seus derradeiros capítulos, novamente o carocinho está ali, presente, mas querendo se esconder: *Alfredo sacode o lençol, o carocinho salta no soalho correndo para debaixo da rede do Major, como se quisesse fugir.* (p. 243)

Fantasticamente, este mesmo carocinho, que brota em 1941, reaparece, mais de trinta anos depois, fora do romance, mas dentro da alma desse homem marajoara, em umas das cartas que ele mesmo escreveu, em 11 de julho de 1975, também à Maria de Belém Menezes: *O espírito comunitário da prelazia de Ponta de Pedras me aquece o peito. Algo se faz naquela outrora vila de minha meninice, de minha juventude, espécie de caroço de tucumã na palma da mão ao sabor de minha fantasia.* E como se constata, o caroço continuava ali, vivo, pulando, presente, portanto. Percebe-se logo que o chão e a infância de Dalcídio fizeram dele um homem-menino, que corria, pulava, escapolia, driblava a vida (triste e dolorosa) do final dos anos setenta que àquela altura vivia e ...

Agora, entramos na casa de seu Cristóvão, que não é apenas título do VI capítulo, mas é o pandemônio - é de lá que saem todas as "conversas", estas caminham pelas ruas, vão ao mercado, se espalham entre as pessoas. É a rotina, o cotidiano do interior. *Toda Cachoeira sabe que em casa de seu Cristóvão as discussões em família não acabam, os casos sobre a vida alheia não tem fim, os escândalos entram pela porta como pessoas de intimidade.* (p. 42)

Finalmente chegamos nos catálogos, estes que têm vida própria, informam, acalmam, distraem, completam. Major Alberto se alimenta desses catálogos, seus companheiros. Abrem-se na primeira página do romance e fecham-se na penúltima: *Major Alberto mergulha nos catálogos todo o seu sonho, o seu romantismo, o seu impossível.* (p. 32)

O fato é que se vive em Cachoeira, mas aspira-se por Belém. A capital é o fascínio, é o desejo mais íntimo de todos os personagens, (é a aspiração do homem interiorano pela cidade grande) não importa o que vão fazer, mas estão de alguma forma em Belém. *Quantos sonhos hoje Major Alberto não tem pensando montar uma boa tipografia em Cachoeira ou em Belém, com as instalações as mais moderna;* (p. 62) ou mesmo, *Seu grande sonho é ir para Belém, estudar;* (p. 76) e ainda mais: *Camareira no Teatro da Paz! pasmava Cachoeira. Os conterrâneos de D. Rosália achavam demasiado, até mesmo irritante que ela chegasse a ser camareira do melhor teatro do Norte do Brasil! Não sabiam ao certo. Uns viam-na em Belém, com a cesta debaixo do braço, a caminho dos mercados. Outros cansavam de ver siá Rosália, ama-seca vestida a rigor, empurrando*

*carrinhos de bebês ricos em Batista Campos (...) Vendia tacacá no larguinho atrás da Igreja de Nazaré, no tempo da festa.* (p. 86)

Antes de concluirmos este artigo, lembramos novamente que a linguagem popular dalcidiana, extraída de seus romances e ouvida da boca do povo, reflete exatamente o modo de ser e de falar do homem paraense do interior, do caboclo. Este, quando conta algum fato ou acontecimento, é como se o vivesse, pois assim o apresenta, nítido, perceptível como que vivo até nos seus lábios. É que sua imaginação e sensibilidade de certo são por si mais vivas do que a cultura que não tem: daí, freqüentemente, a linguagem figurada, imaginosa, pontilhar suas narrativas e descrições, ou mesmo as simples referências que faz às coisas; além disso, para avivar mais a sua presença falante, costuma usar, em regra, o discurso direto. Nota-se, também, a grande habilidade e traquejo não tanto para definir as coisas, mas para compará-las definidoramente, lançando mão de inúmeros recursos vocabulares expressivos, não raro personificando as coisas ou até mesmo *falando* com os objetos. Por isso mesmo é que constitui um capítulo à parte o mundo da *escrita* e o da *fala* \* na obra de Dalcídio.

Assim, ler os romances da Série Extremo-Norte, com toda a viveza de seu vocabulário, é conhecer a ilha de Marajó, é percorrer os bairros periféricos de Belém do Pará; é andar em estivas; é beber açai; é tomar tacacá; é comer frutos variados; é comer peixe; é se banhar nos rios e igarapés; é ter medo do boto; é fugir do candiru; é acreditar em seres fantásticos; é descer ribanceiras; é remar e pilotar canoas, montarias, cascos "gaiolas"; é dançar ao ar livre; é participar dos "serenos", é compartilhar de mutirões; é tomar banho de cuia; é se curar com remédios caseiros; é tomar banho de cheiro; é imaginar outras formas de viver diferentes das que na cidade se possa imaginar. (ASSIS, Rosa, op. cit. p. 4) Tudo isso está expresso por meio de um vocabulário simples, pois o universo prosaico-poético dalcidiano é simples como ele era, tanto que, por inúmeras vezes, nós temos a sensação de que Dalcídio, na verdade, está falando mais do que escrevendo sobre as nossas coisas.

Finalmente, diríamos que a terra, o povo, a paisagem interiorana e suburbana, as aves, os pássaros, os animais domésticos, os animais selvagens, as árvores, os peixes, as ervas, as flores, os frutos, as delícias dos pratos regionais, a sabedoria da culinária, as embarcações, as habitações, os utensílios domésticos, os chás medicinais, os entes fantásticos, etc, etc, brotam de suas páginas e penetram em nossa imaginação, nos envolvendo num mundo colorido e fabuloso. Esse mundo, acreditamos, que é um mundo de paisagem e linguagem, mundo amazônica como ele, Dalcídio, pôde idealizar e realizar, tornar real, vivo, nas ruas e nos rios do seu discurso, das suas palavras, do seu vocabulário-imaginário, inseparável.



#### Notas

<sup>1</sup> Nas duas estantes do pai, fez a sua descoberta dos livros. Leu, aí, *No País das Artes*, de Blasco Ibañez e *Cultura dos Campos*, de Assis Brasil. Outra obra que muito ajudou a satisfazer-lhe a curiosidade intelectual foi o *Dicionário Prático Ilustrado*. Leu, depois, alguma coisa de Camilo, iniciou-se na poesia através das *Primaveras*. E faria também a essa altura a sua iniciação no Eça, se a mãe, ao vê-lo tirar da estante o *Primo Basílio*, não viesse com a advertência: - Esse aí, não, que se pai não deixa. (PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*, 1971, p. 90).

<sup>2</sup> Hotel S. Silvestre. Rio de Janeiro, 1928.

<sup>3</sup> Navio Duque de Caxias, da Companhia Loyde Brasileiro, 1928.

<sup>4</sup> Apenas a título de ilustração, transcrevemos o seguinte fragmento do discurso de Jorge Amado: "Com o maior prazer saúdo Dalcídio Jurandir, hoje aqui presente, nesta Academia Brasileira, para receber o Prêmio Machado de Assis, atribuído ao conjunto de sua obra; trata-se de uma das mais importantes de nossa ficção em qualquer tempo."

<sup>5</sup> - Se você fosse indicar o seu melhor romance, qual seria o apontado?

- O meu romance? pergunta, por sua vez, Dalcídio, para relembrar um episódio marajoara:

- Isto me faz lembrar a conversação que tive com um vaqueiro em Soure. Dizia este, velho laçador de trinta anos: Laçar é a arte que a gente morre nunca sabendo.

E conclui:

- É uma lição de ofício que este me deu nesta minha obstinação de fazer romance. Por isso, espero que me perguntem: qual o seu pior romance?

Todo o meu romance, distribuído, provavelmente, em dez volumes, é feito, na maior parte, da gente mais comum, tão ninguém, que é a minha criatura grande de Marajó, Ilhas e Baixo-Amazonas. Fui menino de beira de rio, do meio do campo, banhista de Igarapé. Passei a juventude no subúrbio de Belém, entre amigos, nunca intelectuais, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente da estiva e das oficinas, das doces e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha d'água dos meus bijus. Sou também um daqueles de lá, sempre fiz questão de não arredar pé de minha origem e para isso, ou melhor para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão. A esse pessoal miúdo que tento representar nos meus romances chamo de aristocracia de guê no chão. (Folha do Norte, 23 de outubro de 1960)

<sup>6</sup> Guarnição franjada ao longo dos dois lados da rede.

<sup>7</sup> Entrevista concedida a Eneida de Moraes e publicada na Folha de Norte, em 23/10/60.

<sup>8</sup> Revista USP/1992 p. 49

<sup>9</sup> Felícia, nome de mulher. Da raiz do latim *felix, icis*, feliz e sufixo *ia*. NASCENTES, Antenor. 1952.

#### Fontes consultadas

ASSIS, Rosa. *O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA, 1992.

\_\_\_\_\_. A fala cabocla em *Passagem dos Inocentes* de Dalcídio Jurandir. *O Liberal*, Belém: 15 nov. 1983. 3. caderno, Estudos Paraenses.

CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*. Belém: SECDT, Falângola. 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1941.

\_\_\_\_\_. *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Passagem dos Inocentes*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1963.

MALIGÓ, Pedro. *Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir*. In: REVISTA USP, nº 13, 1992.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952. Tomo II (nomes próprios)

PEREZ, Renard. *Dalcídio Jurandir*. In: *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SALLES, Vicente. *Chão de Dalcídio*. In: *Marajó*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. p. 347-360

\* **O mundo da escrita e da fala na obra de Dalcídio Jurandir**. Trabalho em fase preliminar de coleta de dados.

**Rosa Assis é Doutora em Língua Portuguesa e Professora do Curso de Letras e Relações Públicas da UNAMA. Autora do livro "O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir" - (1992 - UFPA), entre outros**